

PROVÍNCIA PORTUGUESA
EXPOSIÇÃO INAUGURAL DE PSIQUIATRIA E HISTÓRIA
MUSEU S. JOÃO DE DEUS

Lisboa, 8 de Março de 2009

Ir. Donatus Forkan OH
Superior Geral

Meus queridos irmãos e irmãs,

Estou muito contente por estar aqui convosco neste dia, para nós tão especial, em que celebramos a festa Litúrgica de S. João de Deus, Fundador da Ordem Hospitaleira com o seu nome. S. João de Deus é também o patrono daqueles que estão doentes ou em sofrimento e daqueles que deles tratam. Toda a Igreja celebra este dia e não somente nós, a Família de S. João de Deus. Pessoas de todas as proveniências estão hoje a voltar-se para S. João de Deus, pedindo a sua ajuda para as suas necessidades pessoais, ou para os seus entes queridos que estejam doentes ou de algum modo aflitos.

Particularmente, estou muito satisfeito por celebrar esta Festa aqui, no país onde João Cidade nasceu, em Montemor-o-Novo, em 1495.

Esta é uma iniciativa maravilhosa, dedicar um Museu à memória de S. João de Deus. Relembra-nos os episódios da sua vida e a maravilhosa herança que deixou à Igreja e à Humanidade.

A missão de João, como a de Moisés, foi conduzir os pobres de Granada à “terra prometida”, não uma terra abundante de leite e mel, é verdade, mas, nas palavras de João, “*um lugar meu, onde possa trazer os pobres e os doente mentais e servi-los como desejo*”. Sim, uma terra, um lugar, a “Casa de Hospitalidade”, onde os pobres pudessem ver a sua dignidade reconhecida, onde fossem respeitados, amados e cuidados, com a sua própria cama, quentes, alimentados, tratados quando doentes e com esperança num futuro melhor.

Aos olhos das pessoas de Granada, João passou de um respeitado “homem de negócios” a um enjeitado, para mais tarde ser aclamado Santo. Em consequência do momento emocional da sua conversão, que levou João a ser encarcerado nas masmorras do Hospital Real, o povo de Granada considerou-o um louco. Aos seus olhos, ele era agora considerado irrelevante, apenas mais um de tantos loucos que rondavam as ruas e praças. João foi ridicularizado e marginalizado, tal como os seus companheiros pobres e doentes abandonados.

Todavia, ao conhecer e compreender melhor João e a sua missão, o povo de

Granada não só mudou a percepção e atitude que tinha dele, como começou a ajudá-lo no seu trabalho. Os seus habitantes tornaram-se financiadores do projecto de João e em conjunto mudaram a imagem da cidade: desgovernada, despreocupada, descuidada e egoísta para uma cidade preocupada com os seus membros mais fracos. Com o tempo atribuíram a João o nome pelo qual o conhecemos hoje em dia – João **DE DEUS**.

É inspirador e encorajador observar a forma pela qual João de Deus ultrapassou a adversidade e se lançou de coração inteiro na sua nova missão de vida. Eu vejo isto como um grande exemplo para todos os seus seguidores e, especialmente, para aqueles que lutam com a sua própria vida contra as adversidades que a actualidade, de um modo particular, comporta. Hoje, em virtude da *globalização da recessão*, milhões de pessoas estão a sofrer. Acredito que João de Deus diria o seguinte a estas pessoas: *“Conseguirão e ultrapassarão estas dificuldades, tenham confiança em Deus, continuem a tentar, não desistam nem percam a esperança”*. Para aqueles de nós que temos o “pão-nosso de cada dia”, João de Deus diria: *“Não vos esqueçais daqueles que estão perto de vós e que têm maiores necessidades. Lembrem-se particularmente nesta época de empréstimos, de ajudar outros a encontrar uma alternativa para auxiliar os que mais precisam, irmãos e irmãs, nossos vizinhos, na nossa família, na nossa cidade, na nossa comunidade, refugiados ou de países em desenvolvimento.”*

Não só as pessoas foram atraídas por S. João de Deus para, a seu lado, o ajudarem no seu trabalho, enquanto estava vivo, mas também ao longo dos séculos inúmeros seguidores de João, inspirados pelo seu exemplo, se dedicaram à continuação do seu trabalho, de variadíssimas formas, como membros de diferentes institutos religiosos, associações de leigos ou em nome individual.

A Ordem fundada com o seu nome, desde a data da sua morte em 1550, difundiu-se pelo mundo, tendo hoje uma presença em mais de 50 países em todos os continentes. Não só Irmãos, mas milhares de leigos, desde sempre até aos nossos dias, alguns como Colaboradores, deram das suas habilidades profissionais, ofertas e talento na busca da Hospitalidade de S. João de Deus, em mais de 300 Centros e serviços da Ordem. Há também quem suporte a missão de hospitalidade da Ordem enquanto benfeitor e um crescente número de voluntários que continua o trabalho de João hoje em dia.

Como aconteceu com João quando planeou o seu trabalho, hoje em dia os nossos Colaboradores estão profundamente empenhados em ajustar a forma como a hospitalidade de S. João de Deus é actualmente vivida e expressa, planeando também o futuro. É desta forma que o ministério de Cura de Jesus tem uma expressão concreta em João Cidade, através daquela bênção única a que

chamamos **Hospitalidade**.

Este Museu é um esforço com duas finalidades, no meu ponto de vista: preservar para as gerações futuras uma herança muito importante, memória de um grande homem, um grande Português, um grande Santo. Em segundo lugar, fornecer suportes visuais, gráficos, histórias, vídeos que podem e certamente irão inspirar as gerações presentes e futuras. Este Museu desempenhará um importante papel de estímulo para novos Colaboradores. O Museu guarda viva a memória de João Cidade, contando-nos a história de como, pela graça de Deus e de acordo com a Sua vontade, João demonstrou e viveu um caminho de continuidade do Ministério de Cura de Cristo, de uma forma única. Esta herança entregue aos seguidores de João de Deus continua na Igreja, em seu benefício, esse Ministério de Cura de Jesus. Tal como o Santo Padre afirma na sua primeira Encíclica, *Deus Caritas Est*, o nosso tipo de serviço ou ministério “*não é como outro qualquer serviço social, mas um ministério da Igreja*”. O Museu também pode ser uma forma de atrair Jovens para a nossa Ordem já que mostra de forma intensa a vida e o ministério dos nossos Irmãos.

O que neste Museu se apresenta de diversas formas traça a riqueza da história da Província Portuguesa. E, na verdade, coloca uma ênfase particular no trabalho desenvolvido pela Província na área da Saúde Mental e Psiquiatria, que ainda hoje assume, tal como no passado, um lugar central no esforço apostólico da Província. O que aqui se apresenta não é tão importante para a Ordem internamente, mas sobretudo para estudantes, investigadores e todos aqueles que desejam saber mais sobre a Psiquiatria.

Como referi anteriormente, não podemos esquecer a situação de crise na qual a economia mundial está envolvida e que afecta todos os países. Apesar do facto dos economistas e os chamados “especialistas” estarem a fazer os possíveis para nos fornecerem aconselhamento e soluções que resolvam os problemas, as pessoas são apanhadas na recessão e são estas com as suas famílias que carregam o fardo desta situação. Estou a pensar em concreto nos desempregados, os marginalizados e os fracos, que não conseguem encontrar os recursos até para a sua sobrevivência. São os que mais sofrem.

Para muitos destes, o seu sofrimento conduz a um sentido de desesperança, desespero e depressão. Nós precisamos de ser sensíveis a estas novas necessidades e às pessoas que estão entre nós.

É para dar resposta a este tipo de pessoas que nós somos chamados e é para elas que devemos constituir uma resposta tangível. E, neste sentido, devemos trabalhar com outros que conosco partilhem desta filosofia e valores, tanto entidades governamentais como não governamentais ou pessoas singulares. Podemos

inspirar-nos em tanta gente maravilhosa, religiosos ou leigos; como S. João de Deus, há outros como S. Bento Menni, fundador das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, que restaurou a Ordem em Portugal em 1890, e três anos depois lançava a fundação deste grande Hospital Psiquiátrico no Telhal.

É portanto um prazer ainda maior para mim observar que a longa tradição da Ordem no campo da psiquiatria continua a ser desenvolvida graças ao empenho de tantas pessoas que a isto se dedicam, comprometidas com as suas capacidades.

Gostaria de felicitar todos os que se envolveram para erguer este fantástico Museu, em particular o Ir. José Paulo Simões Pereira; Ir. José Augusto Gaspar Louro; Ir. Álvaro Lavarinhas; Ir. Joaquim Ramos e Ir. João de Carvalho. E é claro que também quero agradecer a especialistas como a Dra. Natália Correia Guedes, Carmina Correia Guedes e Estela Rodrigues, que foram responsáveis pelos aspectos museográficos e coordenação da documentação do Museu.

A todos estes, bem como àqueles cujo nome não mencionei mas que deram o seu contributo pessoal para a criação deste Museu, desejo alargar os meus agradecimentos pessoais pelo seu comprometimento e dedicação a este importante trabalho.

Concluindo, o propósito deste Museu, que carrega o nome de João de Deus e a dedicação à sua memória, sublinho que é importante promover a compreensão de uma variedade de aspectos relacionados especialmente com a Saúde Mental. É uma forma de disseminação da informação do trabalho de S. João de Deus e da Ordem que ele fundou. Não tenho qualquer dúvida de que as pessoas que aqui vierem sairão inspiradas, informadas e encorajadas pela experiência. Espero que possam conhecer e aceitar, ainda que de uma forma humilde, que a *Hospitalidade vivida por S. João de Deus*, **se for considerada interiormente** pode ajudar-nos a transformar a nossa vida e até mesmo a sociedade que nos rodeia, como vimos acontecer às pessoas de Granada no tempo de S. João de Deus. Espero também que todos os que nos visitarem, saiam deste belo Museu, com profundas questões cuja reflexão leve à conclusão de que **fazendo o bem a outros, fazemos o bem a nós próprios**, assim clamava S. João de Deus.

Obrigado.